



A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO FATOR DIFICULTADOR DA
APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR E SUA INFLUÊNCIA NA
QUALIDADE DE VIDA

SYMBOLIC VIOLENCE AS A DIFFICULTATING FACTOR OF HIGHER
EDUCATION LEARNING AND ITS INFLUENCE ON QUALITY OF LIFE

Alêssa Cristina Meireles de Brito¹, Évila Rayanne Lima de França Meireles², Sinara
França Gonçalves³, Fabiana Ferraz Queiroga Freitas⁴

v. 2/ n. 1 (2019)
Janeiro / Dezembro

Aceito para publicação em
08/10/2019.

¹Graduada em enfermagem
pela Universidade Federal de
Campina Grande-UFCG-
Cajazeiras-PB;

²Graduada em enfermagem
pela Universidade Federal de
Campina Grande-UFCG-
Cajazeiras-PB;

³Graduada em enfermagem
pela Universidade Federal de
Campina Grande-UFCG-
Cajazeiras-PB;

⁴Enfermeira Doutora em
Enfermagem pela Universidade
Federal de Minas Gerais -
UFMG, Docente do Curso de
Graduação em Enfermagem da
Universidade Federal de
Campina Grande-UFCG-
Cajazeiras-PB.

RESUMO: O cenário das Instituições de Ensino Superior é de grande relevância no que se refere aos impactos que este pode causar na saúde física e mental dos discentes. A violência simbólica, por sua vez, configura-se como um fator muitas vezes dificultador e prejudicial para a saúde de quem é atingido por ela. O trabalho teve como objetivo refletir sobre a violência simbólica como fator dificultador da aprendizagem no ensino superior e sua influência na qualidade de vida dos estudantes. Metodologia: Estudo teórico-reflexivo construído a partir dos conceitos nucleares de Pierre Bourdieu. Resultados e discussão: a violência simbólica é despercebida, devido a naturalidade pela qual é expressa no meio social e tende a continuar se repetindo com passar dos anos. A adaptação, o tempo e a desmotivação são alguns dos principais fatores dificultadores do aprendizado. Conclusão: reforça-se a necessidade de organização para os discentes, por meio de hábitos e roteiros de estudos que lhes sejam favoráveis para o aprendizado e auxílio para equilibrar o tempo e aos docentes, o desenvolvimento de capacitações direcionadas aos mesmos, voltadas para o uso de metodologias ativas que contribuam para a promoção de novos métodos e abordagens para se trabalhar com os estudantes

Palavras-chave: Violência. Educação Superior. Qualidade de Vida.

ABSTRACT: The scenario of Higher Education Institutions is of great relevance regarding the impacts that this can have on the physical and mental health of the students. Symbolic violence, in turn, is a factor that is often difficult and detrimental to the health of those affected by it. The objective of this study was to reflect on symbolic violence as a hindering factor for higher education learning and its influence on students' quality of life. Methodology: Theoretical -reflective study built on Pierre Bourdieu's core concepts. Results and discussion: symbolic violence is unnoticed, due to the naturalness in which it is expressed in the social environment and tends to continue repeating itself over the years.

Adaptation, time and demotivation are some of the main factors that hinder learning.

Alêssa Cristina Meireles de Brito, Évila Rayanne Lima de França Meireles, Sinara França Gonçalves, Fabiana Ferraz Queiroga Freitas

Conclusion: the need for organization for students is reinforced, through habits and study guides that are favorable to their learning and help to balance the time and teachers, the development of skills directed to them, aimed at the use active methodologies that contribute to the promotion of new methods and approaches for working with students

Keywords: Violence. College education. Quality of life.

1. INTRODUÇÃO

O cenário das Instituições de Ensino Superior (IES) em que os estudantes convivem diariamente é de grande relevância no que se refere aos impactos que este pode causar na saúde física e mental dos discentes. A violência simbólica, por sua vez, se encontra atrelada a esse cenário, geralmente identificada na relação docente -discente e configurando-se como um fator muitas vezes dificultador e prejudicial para a saúde de quem é atingido por ela, na maioria das vezes sem perceber. Dado isto, é praticamente impossível falar sobre a relação docente-discente, sem explanar o principal ponto que os interligam: o saber.

Estudante é aquele em que a vida não impõe a necessidade das ciências, diferente dos cientistas - criadores delas - que sentem necessidade vital de seu trabalho, mas que é incentivado a aprendê-la, de modo que o saber existente no estudante não resulta de um desejo, mas de uma necessidade de saber, sem procurar entender os significados. Assim, muitos discentes tendem a se acomodar sobre a teoria ao encontrarem um conceito determinado, acreditando naquilo como algo definitivo, pronto e finalizado (CHARLOT, 2009, 2016; RACE, JOAÇABA, 2015).

A violência simbólica, nesse contexto, se dá de forma bastante semelhante no cenário de aprendizado, por meio da relação de classes dominantes e dominadas, consistindo num mecanismo de reprodução repassado pelo *capital cultural*, induzido permanentemente por meio de ações pedagógicas desde o ensino familiar e, posteriormente, no ensino escolar (ALVES, 2016).

A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO FATOR DIFICULTADOR DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA

É muito comum que estudantes de ensino superior enfrentem diversas dificuldades de adaptação durante a academia, principalmente nos anos iniciais, sendo essas dificuldades expressadas por meio de desafios relacionados com os aspectos acadêmicos, sociais, pessoais, institucionais e vocacionais. Mudanças no ritmo de estudo, sistema de avaliação e regras burocráticas das instituições podem desencadear diversos fatores estressores tanto nos discentes habituados a academia, como naqueles que ainda não estão (CARLOTTO; TEIXEIRA; DIAS, 2015).

Tais fatores estressores por consequência podem vir a afetar a saúde tanto física como mental dos discentes, afetando diretamente a sua qualidade de vida. São diversos os sintomas físicos e psíquicos derivados do estresse que muitas vezes podem levar o indivíduo a perder o prazer pela vida. O tempo, é um dos principais fatores que afetam os estudantes, que se torna escasso para aqueles que estudam em tempo integral ou que precisam trabalhar, gerando uma sobrecarga de estudo e/ou trabalho que, por sua vez, podem acabar gerando desmotivação (DE SOUSA et al., 2018). Nesse sentido, os discentes acabam se tornando cada vez mais vulneráveis ao desenvolvimento de doenças físicas e psicológicas, possibilitando, em seguida, a desistência do curso, podendo impactar em sua qualidade de vida.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define qualidade de vida como a maneira que o indivíduo avalia sua vida em seu contexto cultural, social e de acordo com seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (CANEPA; CARDOSO; RICARDINO, 2014). Diante disso, a violência simbólica por ser considerada uma dimensão cultural que muitas vezes se passa despercebida, sendo mascarada por ações comuns nas relações sociais, pode ser um fator a influenciar ativamente na qualidade de vida de muitos estudantes, bem como no seu desempenho acadêmico.

Alêssa Cristina Meireles de Brito, Évila Rayanne Lima de França Meireles, Sinara França Gonçalves, Fabiana Ferraz Queiroga Freitas

Assim sendo, esse estudo tem como objetivo refletir sobre a violência simbólica como fator dificultador da aprendizagem no ensino superior e sua influência na qualidade de vida dos estudantes.

2. METODOLOGIA

Estudo teórico-reflexivo construído a partir dos conceitos nucleares de Pierre Bourdieu, utilizados como principal base para o entendimento a respeito de violência simbólica e como ela geralmente se manifesta no âmbito da relação docente-discente em Instituições de Ensino Superior, podendo causar impactos na saúde de um ou ambas as partes.

Trata-se de um estudo realizado com base na leitura crítica de textos científicos, de forma a relacionar conceitos encontrados com o modo ao qual ele se apresenta na problemática estudada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de discorrer sobre a violência simbólica, faz-se necessário abordar um outro conceito atrelado a ela: o poder simbólico. Segundo Bourdieu (2007), o poder simbólico é imperceptível, velado em situações nas quais se encontra presente, mascarado nos hábitos sociais, de forma que quem sofre ou o pratica o faz sem ao menos perceber.

O poder simbólico se dá por meio de métodos estruturados e elaborados de dominação, de modo que o uso da força, a violência física, se faz desnecessária. Como se por meio indução, o poder simbólico se consagra e conduz os fatos a se concretizarem (FERNANDES, 2016).

É um poder de concepção da realidade que se dá por meio de uma ordem de discursos de conhecimento estando, desse modo, imperceptível na sociedade por estar mascarado por costumes considerados naturais no cenário social, por meio de um

*A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO FATOR DIFICULTADOR DA APRENDIZAGEM
NO ENSINO SUPERIOR E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA*

sistema simbólico onde uma classe domina sobre outra e que se torna aceito justamente por estar estruturado como tal, em que os discursos valorizados pertencem às classes dominantes e não o inverso delas (BOURDIEU, 2007).

A violência simbólica reforça o conceito do poder simbólico e pode ser definida, conforme explana Bourdieu (2010), como uma violência dissimulada, onde poderes característicos com eficácias singulares se encontram disfarçados no meio social, por serem tidos como comuns em tal cenário, no entanto, não faz com que deixe de ser uma violência como qualquer outra. Refere-se da reafirmação de poder entre dominante e dominado, através de como uma classe predomina sobre outra.

Como citado anteriormente, a violência simbólica não se dá por meio do uso da força, da necessidade de agressão física, no entanto, se configura como um modo de agressão que se reflete por meio de imposição, de modo que uma classe dominante busca estabelecer na sociedade aquilo que pode ser tido como relevante dentro de uma cultura, tendo em vista de que a cultura que possui influência é exatamente aquela pertencente às classes dominantes, de forma que seus valores, costumes e ideais são tidos como de maior valor devido ao nível de hierarquia existente na sociedade (BRADNT, 2014).

Em virtude disso, Bourdieu (2010) enfatiza a violência simbólica como despercebida, não vista como violência, devido a naturalidade pela qual é expressa no meio social. E essa naturalidade tende a continuar se repetindo durante o passar dos anos, através da transmissão de códigos e valores simbólicos das classes consideradas superiores em cada cultura. Devido a essa visão cultural, as imposições se concretizam de modo camuflado em que nenhuma das partes envolvidas, tanto as que exercem como as que sofrem pela violência e o poder simbólico percebem a sua presença como tal (CAMPOS, 2015).

Alêssa Cristina Meireles de Brito, Évila Rayanne Lima de França Meireles, Sinara França Gonçalves, Fabiana Ferraz Queiroga Freitas

A violência simbólica é, frequentemente, executada por instituições através daqueles que viabilizam o exercício da autoridade (SANTOS, 2011). O modo de agir dos funcionários, a existência de regras e a própria forma de administração de uma instituição pode demonstrar uma forma dessa violência, a depender da classe social que ela afetar, no entanto, sendo logicamente as classes inferiores as mais atingidas por esse tipo de violência, tendo em vista a situação hierárquica existente entre uma classe social e outra como, por exemplo, a de docente-discente.

Assim, mesmo que a violência simbólica não seja vista ou percebida como tal, ela pode ter sérias implicações difíceis de intermissão, justamente pelo cerne dessa violência residir nas ordenações determinadas pelas ordens dominantes que as produzem e não de modo consciente, incorporando aos indivíduos princípios e concepções de modo que os façam permanecer sempre na posição de dominados (FERNANDES, 2016; BRADNT, 2014).

No entanto, trata-se de algo que já pode ser identificado no contexto social, dado que os próprios indivíduos vitimados tendem a se portar do modo que lhes é dito, principalmente se esses enxergarem os seus dominantes como superiores, assumindo então uma posição inferior praticamente de modo automático havendo, dessa forma, a aceitação de que algo ocorre de determinada forma e assim permanece e a efetivação do poder simbólico, sem seja necessária qualquer forma de coação física (FERNANDES, 2016).

Assim, no âmbito das IES, o corpo estudantil pode ser considerado como os principais atingidos pela violência simbólica, já que a hierarquia presente nesse cenário reforça a relação de dominação sobre essa população, seja os dominantes os professores ou a própria instituição, dado que ambos impulsionam o exercício da autoridade por

*A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO FATOR DIFICULTADOR DA APRENDIZAGEM
NO ENSINO SUPERIOR E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA*

meio do *habitus* da relação pedagógica pelo qual constroem sua trajetória e reprodução social (BOURDIEU; PASSERON, 2016).

O pilar do exercício da violência simbólica compõe-se pela *ação pedagógica*, por meio da imposição de um arbitrário cultural que se dá através de três modos: a *educação difusa*, que ocorre por meio da interação entre membros competentes da formação social em questão; a *educação familiar*, como o próprio nome fala e, por último, a *educação institucionalizada*. A força simbólica de qualquer um desses agentes pedagógicos, cada um com seus determinados significados representa, então, o peso que cada um têm na estrutura das relações de poder (JENKINS, 2014).

Desse modo, a autoridade pedagógica se constitui como um componente ou condição necessária para efetivar a ação pedagógica. Trata-se de um poder arbitrário de agir muitas vezes não reconhecido por aqueles que o praticam ou os que se tornam alvos dessa prática (JENKINS, 2014).

A violência simbólica poder ser expressa na relação docente -discente por meio da comunicação expressa durante as aulas, por exemplo, em que muitas vezes se torna complicado para o estudante entender o nível de linguagem ao qual está sendo expressa seja por termos técnicos ou não, onde os próprios docentes podem não perceber que o seu vocabulário está sendo incompreensível para alguns (DE OLIVEIRA; VOLPATO, 2017). Dado isso, os estudantes tendem a se tornar intimidados e dispensam a interrupção da aula para questionar o significado das palavras o que, por sua vez, pode então prejudicar o seu aprendizado durante o processo de educação.

E por falar em educação, torna-se necessária a menção de dois outros conceitos relacionados ao processo de aprendizado: *educação bancária* e *educação libertária*.

Freire (2011) define educação bancária como um ato de depositar, em que o educador transmite valores e conhecimentos para os estudantes e que ao invés de

Alêssa Cristina Meireles de Brito, Évila Rayanne Lima de França Meireles, Sinara França Gonçalves, Fabiana Ferraz Queiroga Freitas

comunicar-se com eles, o educador cria “comunicados”. Enchem os “depósitos” dos estudantes que, por sua vez, recebem e memorizam pacientemente para que então, posteriormente, possa repetir. Já a educação libertária parte do princípio de transformar o conhecimento ingênuo em libertário a partir da problematização da realidade e sugere que por meio da criticidade e ação é possível tornar a ingenuidade em liberdade (FREIRE, 2014).

Assim, a educação permanente é apontada como libertária, pois renega a alienação, o repassar de informações sem que haja consciência crítica dos fatos e porque trata-se de uma educação que considera o compartilhamento de saberes como de grande importância, considerando aquilo que o educador também pode aprender com o educando e não apenas o inverso, dessa forma, mesclando o velho e o novo em uma atitude compromissada, pensada e repensada (BALDISSERA; BUENO, 2014; FREIRE, 2014).

A maioria dos estudantes quando entram na academia acabam tendo dificuldades de aprendizado em algum momento, seja no início do curso devido a adaptação ou por conta de alguma disciplina ou, ainda, no final do mesmo, o que pode acabar gerando fatores estressores que por si, podem influenciar na qualidade de vida dessa população (DE SOUSA et al., 2018) e a educação bancária, que permanece sendo utilizada mesmo nos dias de hoje pode, ainda, contribuir para essa dificuldade de aprendizado.

Dado isso, sugere-se aos docentes que considerem o ritmo dos alunos, levando em conta que muitos não percebem que estão indo rápido demais ou “falando grego” e também o uso de metodologias ativas, que estimulem o pensamento crítico por meio da problematização da realidade, bem como a troca de conhecimentos. Dessa forma, o indivíduo tende a aprender realmente e absorver a aprendizagem permanentemente e

A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO FATOR DIFICULTADOR DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA

não apenas receber, memorizar e repetir o que foi repassado, tal como a imposição velada da violência simbólica.

Aos discentes, aconselha-se que desenvolvam hábitos de estudo individuais, considerando que cada pessoa tem uma forma de aprender diferente, seja com questionários, leitura em voz alta, vídeo-aulas etc., além de que procurem focar a aprendizagem no mais lúcido, de modo que haja um equilíbrio dessas etapas.

Junto com a dificuldade de adaptação e o uso do modelo tradicional de ensino ainda persistente nos dias de hoje, pode-se identificar outros dois fatores atrelados entre si: tempo e desmotivação.

Uma jornada de estudo ou trabalho intensa contribui para a diminuição do tempo de estudo dos discentes, além de configurar-se como fator estressor para os mesmos, visto que os mantém expostos a um ciclo repetitivo de rotina, convivência com outros colegas e cobrança de resultados (MACEDO, 2015). Muitos estudantes encontram-se impossibilitados de dedicarem-se exclusivamente aos estudos também devido a outras responsabilidades pessoais, não somente relacionadas ao trabalho, para alguns, mas também a suas famílias.

Devido à falta de tempo, muitos têm de escolher as atividades que são prioritárias no momento que, na maioria das vezes, são relacionadas ao meio acadêmico, no entanto, de modo restrito. A falta de tempo também atrapalha o enriquecimento da formação acadêmica e aprendizado do estudante, visto que devido a isso muitos não conseguem participar de atividades que poderiam contribuir para isso, tais como eventos e outras atividades extracurriculares. Tais dificuldades de harmonização de tempo para estudos, família, trabalho acaba causando grande desgaste físico e psicológico (DE ALMEIDA; QUINTAS; GONÇALVES, 2016).

Alêssa Cristina Meireles de Brito, Évila Rayanne Lima de França Meireles, Sinara França Gonçalves, Fabiana Ferraz Queiroga Freitas

A falta de tempo pode proporcionar também uma desmotivação nos discentes, provocando sentimentos negativos, tais como a incapacidade de superar as dificuldades, muitas vezes associada também a um déficit de ensino anterior (NASCIMENTO et al., 2015), que por sua vez, pode propiciar um desejo de desistência, principalmente quando há tentativas de esforço relacionadas ao estudo que não geram rendimentos (DE OLIVEIRA; VOLPATO, 2017).

Recomenda-se aos discentes uma melhor administração de tempo, por meio da criação de um roteiro de estudo que os ajudem a balancear a escassez de tempo a que dispõem, de modo a tornar possível o equilíbrio de prioridades acadêmicas e pessoais. Aos docentes, propõe-se que os mesmos considerem haver uma maior flexibilidade pedagógica referente a cobrança dos estudantes, da maneira como considera melhor para eles, levando em conta também as outras disciplinas que eles possuem, além das dificuldades individuais de muitos.

Quanto a desmotivação, sugere-se o incentivo por parte dos docentes, considerando a grande influência que eles detêm sobre os estudantes, por meio do poder e da violência simbólica, de modo a transformar esse fator em algo positivo sem contar que o estímulo de um professor para um estudante é de grande valia, tal como o apoio por parte dos familiares dos mesmos. Tais recomendações podem influenciar positivamente na qualidade de vida dos estudantes, como também podem minimizar fatores dificultadores.

4. CONCLUSÃO

A violência simbólica muitas vezes passa despercebida no meio social e apesar de não ser uma violência tradicionalmente física, ela possui igual relevância quanto aquilo que pode provocar. No cenário da universidade, a sua presença se torna um fator dificultador que pode influenciar no aprendizado dos estudantes e, por consequência na

*A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO FATOR DIFICULTADOR DA APRENDIZAGEM
NO ENSINO SUPERIOR E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA*

qualidade de vida desses, visto que pode desencadear fatores estressores e sentimentos negativos, principalmente quando há escassez de tempo.

As dificuldades de adaptação, escassez de tempo e desmotivação são fatores comuns no meio universitário que pode perdurar por um longo período. Diante disso, reforça-se a necessidade de organização para os discentes, por meio de hábitos de estudos que lhes sejam favoráveis para o aprendizado, assim também como a criação dos roteiros de estudo como forma de auxílio para equilibrar o tempo.

Aos docentes, observa-se a importância do desenvolvimento de capacitações direcionadas aos mesmos, voltadas para o uso de metodologias ativas que contribuam para a promoção de novos métodos e abordagens para se trabalhar com os estudantes, de modo a facilitar o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, minimizar os obstáculos.

Por último, ressalta-se a necessidade de novos estudos a respeito da temática, tendo em vista a carência de trabalhos encontrados acerca da mesma, mesmo se tratando de um tema de grande relevância que merece ser melhor aprofundado e que pode, ainda, auxiliar aos profissionais docentes a promover um melhor processo de ensino-aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.C.P.F; QUINTAS, H.L; GONÇALVES, T.I.C. Estudantes não-tradicionais no ensino superior: barreiras à aprendizagem e na inserção profissional. **Laplage em Revista**, v. 2, n. 1, p. 97-111, 2016.

ALVES, E.F. Diálogos com Pierre Bourdieu e Passeron sobre o Sistema de Ensino e Suas (Im) Possibilidades. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS**, v. 22, n. 42/44, 2017.

BALDISSERA, V.D.A; BUENO, S.M.V. A Educação Permanente em Saúde e a educação libertária de Paulo Freire. **Rev. Cienc. Cuid. Saúde**. Maringá, Paraná. V. 13, n. 2. Universidade Estadual de Maringá. Abril/Jun, 2014.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Alêssa Cristina Meireles de Brito, Évila Rayanne Lima de França Meireles, Sinara França Gonçalves, Fabiana Ferraz Queiroga Freitas

BOURDIEU, P; PASSERON, J. **Les héritiers: les étudiants et la culture** . Minuit, 2016.

BRADNT, J. **Violência simbólica: uma reflexão acerca do *habitus* docente**. 39f. Monografia – Centro Universitário UNIVATES, Universidade do Vale do Taquari, 2014.

CAMPOS, R.R. Classes sociais, consumo e violência simbólica. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 19, 2015.

CANEPA, E.B.S; CARDOSO, A.I.Q; RICARDINO, A.R. O enfermeiro e a promoção da qualidade de vida aos idosos: uma revisão. **Interbio. Maio**, v. 8, n. 1, p. 57-62, 2014.

CARLOTTO, R.C; TEIXEIRA, M.A.P; DIAS, A.C.G. Adaptação acadêmica e *coping* em estudantes universitários. **PsicoUSF. Bragança Paulista, SP**. Vol. 20, n. 3 (set./dez. 2015), p. 421-432, 2015.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas** . Cortez Editora, 2016.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Bookman Editora, 2009.

FERNANDES, M.C. **Identidade profissional do enfermeiro na atenção básica: enfoque nas ações de gerência do cuidado expressas nas articulações do campo e *habitus***. 157f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido** . 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 256p.

FREIRE, P. **Política e educação**. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 144p.

JENKINS, Richard. **Pierre Bourdieu**. Routledge, 2014.

MACEDO, L.M.M. **Adoecimento mental no trabalho: Estudo de caso numa secretaria de saúde de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário UNA. Programa de Pós-graduação em Administração, 2015.

NASCIMENTO, T; PENA, A. D. C. C; SILVA, A; SALES, S; PÍCOLI, R. A; FABRINO, D. L. Análise do nível de conhecimento e motivação de alunos do ensino médio rumo ao ensino superior: Projeto Diálogos sobre o que Significa Cursar Engenharia. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 6, n. 1, p. 7-13, 2015.

OLIVEIRA, L.E.S; VOLPATO, G. A influência do capital cultural e da violência simbólica na evasão. **Revista Contrapontos**, v. 17, n. 1, p. 138-159, 2017.

SANTOS, M.A. Uma leitura do campo jurídico em Bourdieu. **Revista Científica da FENORD**, v. 1, p. 90-105, 2011.

SILVA, L.P; DIAS, L.C.F; SILVA, J.S. Ensino Superior, mobilidade social e dominação: uma análise à luz dos conceitos de Bourdieu e da teoria institucional. **RACE-Revista de Administração, Contabilidade e Economia** , v. 14, n. 3, p. 1145-1174, 2015.

*A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO FATOR DIFICULTADOR DA APRENDIZAGEM
NO ENSINO SUPERIOR E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA*

SOUSA, C.G;CURY, N.A.S; OLIVEIRA, N.F; DE FREITAS SALATIEL, M;
SANTOS, E. M; SANTOS, N. S; ... & SILVA, D. S. Nível de estresse em
universitários-trabalhadores dos últimos períodos de uma instituição privada de
Uberlândia-MG. **e-RAC**, v. 7, n. 1, 2018.